

De volta do Rio, após ter participado da comissão julgadora dos "Prêmios Leirner", o crítico de arte sr. Antonio Bento fez referências à Exposição Nacional de "Arte Concreta" que aqui visitou, acentuando, ponderadamente, que o movimento "concretista" que ora tenta agitar os nossos círculos artísticos, não constitui, em nenhum dos centros civilizados da Europa e dos Estados Unidos, a vanguarda da arte contemporânea como querem fazer crer os animadores dessa ramificação do abstracionismo. De fato, assim é, e aqui já fizemos, a propósito, algumas considerações, historiando o "concretismo" que, aliás, fora do Brasil é encarado, geralmente, como uma manifestação de "abstracionismo geométrico".

No entanto, na atribuição dos "Prêmios Leirner", no Museu de Arte Moderna, a comissão julgadora, da qual faziam parte os partidários ostensivos do "concretismo", deu ênfase exagerada aos intuitos, em grande parte proselitistas, dos orientadores da aludida ramificação, verificando-se, por sinal, a atribuição das recompensas, ou de parte delas, em benefício de artistas "concretistas". De certa maneira, poder-se-ia ver parcialmente nessa maneira de julgar. Mesmo porque é inegável que o resultado final sofreu, em boa parte, a influência dos participantes da comissão que alimentam tendências "concretistas", no intuito defensável, ou apostolar, de prestigiar os que seguem aquela suposta orientação estética.

Se de um ponto de vista isento,

Artes plásticas

## "Concretistas" e prêmios

tal conduta proselitista é compreensível, ao mesmo tempo urge reconhecer que o julgamento derivado desse "parti pris" foi em detrimento da melhor utilização da verba correspondente aos prêmios, que, antes de tudo, consistem no estímulo às atividades artísticas sem levar em consideração esta ou aquela corrente, excetuada a que não se inscreve no Museu de Arte Moderna, isto é, a do naturalismo acadêmico.

Pode-se, mesmo de um ponto de vista mais alto, atribuir esse fato, que causou e continua a causar tanta espécie, a uma inadvertência do júri, que teria sido levado a agir com parcialidade. Esse não seria, é lógico, o caso dos dois julgadores partidários do "concretismo", porquanto ambos estariam representando seu papel de propagandistas, jungidos às suas mais arraigadas convicções.

Quer-nos parecer, no entanto, que de qualquer maneira foi favorecida a corrente "concretista", o que não se justifica pelo baixo nível dos trabalhos de alguns dos concorrentes filiados a tal tendência, fato, aliás, fácil de comprovar pela posição de certos expositores, e que o caso de Luiz Sacilotto exemplifica. Esse constitui um dos aspectos clamorosos da questão, evidenciando que houve certa deformação tendenciosa no julgamento das obras do referido artista.

Por outro lado o primeiro prêmio de escultura coube, também, a um "concretista". Mesmo em se tratando de artista de muitas possibilidades, a peça que o referido premiado expôs no Museu não poderia alcançar, em nosso entender, o relevo que atingiu, salvo se a questão fôr colocada no prisma de parcialidade a que já aludimos.

Não há dúvida de que a falibilidade do julgamento humano é grande, principalmente colocando-se o problema nos termos de uma "política concreta", como a que serve a "arte concretista". Deve-se, porém, ver nessa vitória do "concretismo" tudo quanto há de menos vanguardeiro. De fato, não constitui característica de nenhuma corrente avançada, tanto no setor das artes plásticas como no das demais, a batalha para a conquista de prêmios. Não cabe aos vanguardeiros pleitear comendas ou o reconhecimento universal. O que os verdadeiros vanguardeiros desejam é, sempre, pesquisar e explorar caminhos ainda indevidados. Os pioneiros não são, na verdade, os que desde logo se vêm aclamados, os que se beneficiam de prêmios, de vitórias em competições, de aceitação e aplausos. Os pioneiros lutam e, mesmo, sacrificam-se por um ideal, por uma verdade ainda não reconhecida, cabendo-lhes quase sempre o "R" dos

recusados quando comparecem aos certames consagradores.

Nesse sentido, tem toda razão o sr. Antonio Bento ao observar que os nossos atuais vanguardeiros — os "concretistas" — dispõem, já, da consagração de museus, ao que acrescentaremos, aqui, que eles querem, também, obter a maioria das laureas, dos prêmios, o que revela um espírito muito mais prático do que seria lícito esperar de audazes e idealistas jovens, abridores de picadas nos campos das artes plásticas, sempre dispostos a voltar de suas aventuras de mãos vazias. No entanto, o que vimos agora foi um espetáculo singular: apresentando-se como vanguardeiros, os jovens "concretistas" lograram, ao mesmo tempo, abocanhar também os prêmios, e o resultado disso é que agora "estão com tudo".

Não resta dúvida de que tais condições lhes permitirão alcançar culminâncias ainda mais altas a que poderiam aspirar quando enterredaram pelos caminhos duros, agrestes, ingratos e não compensadores da pesquisa e da inovação em arte...

ESP 13. JAN. 57

G. FERRAZ